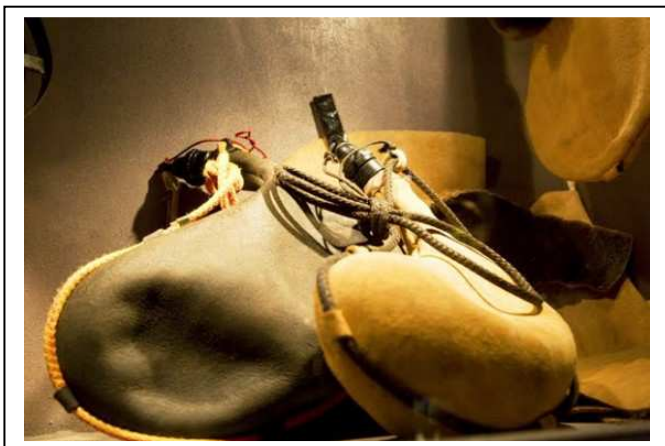


VINHO NOVO, ODRES NOVOS!



"[18] Os discípulos de João e os fariseus estavam jejuando e foram perguntar-lhe: Por que os discípulos de João e os dos fariseus jejuam, mas os teus discípulos não? [19] Jesus lhes respondeu: Acaso os convidados para o casamento podem jejuar enquanto o noivo está com eles? Enquanto o noivo está com eles não podem jejuar. [20] Mas chegarão os dias em que o noivo lhes será tirado; naqueles dias jejuarão. [21] Ninguém costura remendo de pano novo em roupa velha, porque o remendo novo se desprenderá da roupa velha, e o rasgo será ainda maior. [22] E ninguém põe vinho novo em recipiente de couro velho; porque o vinho novo romperá o recipiente de couro, e se

perderão tanto o vinho quanto o recipiente de couro; mas põe-se vinho novo em recipiente de couro novo." (Marcos 2.18-22 – Almeida Século 21)

O contexto da passagem bíblica acima revela a dificuldade de ajuste da mensagem de Cristo ao judaísmo do primeiro século. O Senhor Jesus clamava por nova perspectiva sobre o pecado, sobre o perdão e sobre a transformação do ser humano. Ele se esforçava em mostrar aos opositores que Deus está mais preocupado com as necessidades humanas do que com rituais religiosos. Afinal, “o SENHOR não vê como o homem vê, pois o homem olha para a aparência, mas o SENHOR, para o coração” (cf. 1Samuel 16.7). As antigas maneiras dos líderes religiosos verem a fé estavam esgotadas. Elas eram incapazes de conter a nova revelação de Deus trazida por Cristo, cujo objetivo era dar verdadeiro significado à fé do Antigo Testamento. Os judeus da época estavam mais preocupados com a aparência religiosa das pessoas do que com a essência do indivíduo.

Nos dias atuais a realidade não é muito diferente. Grande parte das pessoas consideradas cristãs está mais preocupada – e ocupada – com o comportamento das pessoas e com as práticas religiosas delas, do que com questões legítimas como o relacionamento íntimo e contínuo com a pessoa de Cristo. Do ponto de vista teológico há quem tente, de todas as formas, moldar o Senhor Jesus Cristo segundo os próprios critérios de fé. Mas todo esforço nesse sentido será vão. É preciso que deixemos o Senhor Jesus definir nossas crenças em vez de tentarmos ajustá-Lo aos nossos próprios conceitos e pressupostos. A soberania e autonomia divinas nunca sucumbirão diante da vontade humana.

Na tentativa de elucidar a mente dos fariseus e dos demais religiosos da época, o Senhor Jesus faz uso das figuras do vinho e do odre para ilustrar a reação humana quando velhos conceitos são confrontados por novas leituras da realidade contemporânea. Odres eram peles inteiriças de cabritos, com os orifícios amarrados. Geralmente eram usados para transportar líquidos como a água, o leite, o azeite e mais comumente o vinho. O couro era curtido com casca de acácia e o lado peludo ficava para fora. A pele fresca era esticada pelo suco de uva em fermentação. Se a pele do odre estivesse velha,

não esticava mais e o novo vinho poderia lhe causar ruptura.¹ Enquanto o vinho novo faz alusão ao Reino de Deus e aos ensinamentos de Jesus, o odre faz referência à fé. Para o Senhor Jesus, a fé judaica era tão frágil e limitada que não havia possibilidade dela ser esticada a fim de satisfazer as necessidades humanas. Da mesma forma, muitas vezes o vinho novo da obra de Deus não encontra condições que lhe permita envelhecer, amadurecer em nós, em direção à beleza e santidade. O que mais se vê atualmente são os princípios do Evangelho de Cristo se perdendo ao longo caminho, em razão de terem sido depositados em mentes rígidas, inflexíveis, irredutíveis quanto aos seus posicionamentos de fé e práticas cristãs.

No texto bíblico (v. 18) o Senhor Jesus é criticado pelos líderes religiosos da época porque seus doze discípulos não se uniam a outros judeus piedosos para praticar o jejum constantemente – algo em torno de duas vezes por semana. O hábito de jejuar frequentemente era considerado importante dentro do judaísmo (v. 18). A crítica, porém, era infundada uma vez que a Lei de Moisés não exigia tal prática, que não passava de piedade exibicionista. Atitude que tem *“aparência de sabedoria em falsa devoção, falsa humildade e severidade para com o corpo, mas não têm valor algum no combate aos desejos da carne”* (cf. Colossenses 2.23).

Semelhantemente aos tempos de Cristo, em nossos dias há muitos padrões de comportamento que são impostos pela religiosidade moderna, mas que não encontram subsídios nas Sagradas Escrituras. É o que Deus declarou certa vez ao profeta Isaías: *“Este povo se aproxima de mim e me honra com os lábios e com a boca, mas o coração deles está longe de mim; o seu temor para comigo consiste em mandamentos de homens, aprendidos de forma mecânica”* (Isaías 29.13). O apóstolo Paulo também tratou desse assunto. Quando escreveu a Tito, Paulo o alertou a não dar *“ouvidos a fábulas judaicas, nem a mandamentos de homens que se desviam da verdade, (...) afirmam que conhecem a Deus, mas o negam por suas obras”* (cf. Tito 1.14, 16).

A resposta do Senhor Jesus aos críticos veio em forma de parábola com o contexto extraído de uma festa de casamento. Ninguém jejuava em um banquete de casamento. O jejum demonstra tristeza, e, se houver tristeza, será depois da festa, quando o noivo tiver ido embora. Por meio da parábola, o Senhor Jesus não condenou o jejum – Ele mesmo jejuava. Mas o jejum formal e obrigatório dos judeus não combinava com a liberdade e espontaneidade da nova vida que o Evangelho de Cristo trazia consigo.² Do mesmo modo, não podemos sufocar o renovar do Evangelho com antigas formas de se viver a fé, por mais estimadas que elas possam ser. É claro que alguns modelos são necessários e devem ser preservados. Mas é necessário tê-los como **referência** e não como **direção**. Nós não somos

¹ RICHARDS, Lawrence O. *Guia do leitor da Bíblia: Uma análise de Gênesis a Apocalipse capítulo por capítulo*. Trad. Alexandre Lacnit (Gênesis a Isaías) e Arsênio Novaes Netto (Jeremias a Apocalipse). Rio de Janeiro: CPAD, 2005. 634, 656 p.

² CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A. & WENHAM, G. J.. *Comentário bíblico Vida Nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes, James Reis, Lucília Marques P. da Silva, Márcio L. Redondo e Valdemar Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2009. 1434 p.


a vida do passado. Mas ela ilumina a nossa história. Não é à toa que quando você dirige um carro ele tem retrovisor e para-brisa. Um serve como referência, como ponto de partida. Outro como direção, como perspectiva de uma nova realidade. O passado é referência. Mas não é direção. Porém, o passado é necessário para que você possa seguir em frente. Porque quem vive apenas o presente acaba perdendo a história e, sem ela, não temos identidade.

O filósofo e escritor brasileiro Mário Sérgio Cortella, tem por hábito ensinar que *“na vida é preciso ter raiz, não âncora. A raiz te alimenta. A âncora te imobiliza. Mudar de caminhos na vida e nos pensamentos nos faz ir além do óbvio. Sair da rotina nos permite abrir a mente em outras direções”* e a vivenciar novas experiências. Muitas igrejas evangélicas deixaram de crescer, de avançar, porque deixaram de enxergar algo que esteja além da realidade que as cerca. Há igrejas que cultivam uma liturgia cúlrica nos moldes dos anos 50. Em nome da tradição histórica da denominação a qual pertencem muitos membros de comunidades cristãs se tornaram tradicionalistas e sem perceberem, engessam o agir do Espírito Santo de Deus. O teólogo luterano Jaroslav Jan Pelikan (1923–2006) sabiamente afirmou que *“tradição é a fé viva daqueles que já morreram, enquanto que tradicionalismo é a fé morta dos que ainda vivem”*. Sob essa perspectiva existem coisas que, embora antigas, valem a pena preservar por sua qualidade intrínseca; enquanto há outras que, apesar de atuais, não agregam valor algum.

A tradição nos permite observar a fé dos nossos antepassados, relatada, por exemplo, através de hinos clássicos de nossos hinários, e tomá-la como parâmetro para nossas vidas. Sendo assim, tradição é ter o conhecimento do que foi feito no passado, do que deu certo ou errado, e aproveitar o que é bom em detrimento ao que é ruim. As coisas boas – mesmo que antigas – devem ser guardadas em local seguro, sempre ao alcance da memória. Mas sem deixar que se tornem mais importantes do que realmente são, pois é exatamente aí que entra o tradicionalismo, isto é, o culto à tradição.

O tradicionalismo está centrado no ego. Ele valoriza muito a aparência e o passado. Aliás, vive de passado. Não há sensibilidade, empatia e muito menos simpatia. Valorizam mais a organização do que o organismo. A tradição, por outro lado, é uma caminhada olhando para fé dos cristãos genuínos do passado. A tradição liga o passado ao presente visando à construção de um futuro promissor. Tradição é contar as histórias para os filhos e netos. Ela não estática, mas dinâmica. Não vive simplesmente do passado, mas tem um olhar clínico no presente, planejando para o futuro.

Há muitas riquezas espirituais que Deus ainda quer nos transmitir. Mas que nos sejam entregues, é necessário que tenhamos as qualidades intrínsecas de um odre novo. Precisamos ter condições de abrigar o que Deus tem para nós e, posteriormente, deixar que se expanda, amadureça e frutifique. Afinal, o que limita a ação de Deus em nós é o tamanho do espaço que fornecemos a Ele.

 Reflexão baseada em sermão homônimo ministrado em 17/07/2016, na Igreja Batista Memorial em Vila Rosária – São Paulo/SP.